

Angra dos Reis, 18 de dezembro de 2018.  
+ Memória de Nossa Senhora do Ó

**Intenção do mês de janeiro – 2019.**

Amados(as) Filhos(as),

Graça e Paz!

Disse o Papa Francisco: *“A violência não é o remédio para o nosso mundo dilacerado. Responder à violência com a violência leva, na melhor das hipóteses, a migrações forçadas e a atrozes sofrimentos (...) No pior dos casos, pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos”*.

O próprio Jesus viveu em tempos de violência. Ensinou que o verdadeiro campo de batalha, onde se defrontam a violência e a paz, é o coração humano: *“Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos”* (Mc 7, 21). Mas, perante esta realidade, a resposta que oferece a mensagem de Cristo é radicalmente positiva: Ele pregou incansavelmente o amor incondicional de Deus, que acolhe e perdoa, e ensinou os seus discípulos a amar os inimigos (cf. Mt 5, 44) e a oferecer a outra face (cf. Mt 5, 39). Quando impediu aqueles que acusavam a adúltera de a lapidar (cf. Jo 8, 1-11) e na noite antes de morrer, quando disse a Pedro para repor a espada na bainha (cf. Mt 26, 52), Jesus traçou o caminho da não violência que Ele percorreu até ao fim, até à cruz, tendo assim estabelecido a paz e destruído a hostilidade (cf. Ef 2, 14-16). Por isso, quem acolhe a Boa Nova de Jesus, sabe reconhecer a violência que carrega dentro de si e deixa-se curar pela misericórdia de Deus, tornando-se assim, por sua vez, instrumento de reconciliação.

Hoje ser verdadeiro discípulo de Jesus significa aderir também à sua proposta de não violência. Esta proposta como afirmou Bento XVI: *“é realista pois considera que no mundo existe demasiada violência, demasiada injustiça e, portanto, não se pode superar esta situação, exceto se lhe contrapuser algo mais de amor, algo mais de bondade. Este ‘algo mais’ vem de Deus”*. E acrescenta: *“a não violência para os cristãos não é um mero comportamento tático, mas um modo de ser da pessoa, uma atitude de quem está tão convicto do amor de Deus e do seu poder que não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade. O amor ao inimigo constitui o núcleo da ‘revolução cristã’. A página evangélica – amai os vossos inimigos (cf. Lc 6, 27) – é, justamente, considerada ‘a magna carta da não violência cristã’: esta não consiste em render-se ao mal (...), mas em responder ao mal com o bem (cf. Rm 12, 17-21), quebrando dessa forma a corrente da injustiça”*.

Por vezes, entende-se a não violência como rendição, negligência e passividade, mas, na realidade, não é isso. Quando a Madre Teresa recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1979, declarou claramente qual era a sua ideia de não violência ativa: *“Na nossa família, não temos necessidade de bombas e de armas, não precisamos de destruir para edificar a paz, mas apenas de estar juntos, de nos amarmos uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal que há no mundo”*. Com efeito, a força das armas é enganadora. A não violência, praticada com decisão e coerência, produziu resultados impressionantes. Por exemplo, os sucessos alcançados por Gandhi, Martin Luther King, a queda dos regimes comunistas na Europa, etc. Estes percursos para a paz foi possível, em parte, nas palavras de S. João Paulo II: *“pelo empenho não violento de homens que sempre se recusaram a ceder ao poder da força e, ao mesmo tempo, souberam encontrar aqui e ali formas eficazes para dar testemunho da verdade”*. E concluía: *“Que os seres humanos aprendam a lutar pela justiça sem violência”*.

Continua o Papa Francisco: *“Se a origem donde brota a violência é o coração humano, então é fundamental começar por percorrer a senda da não violência dentro da família. Esta constitui o cadinho indispensável no qual cônjuges, pais e filhos, irmãos e irmãs aprendem a comunicar e a cuidar uns dos outros desinteressadamente e onde os atritos, ou mesmo os conflitos, devem ser superados, não pela força, mas com o diálogo, o respeito, a busca do bem do outro, a misericórdia e o perdão. A partir da família, a alegria do amor propaga-se pelo mundo, irradiando para toda a sociedade. Aliás, uma ética de fraternidade e coexistência pacífica entre as pessoas e entre os povos não se pode basear na lógica do medo, da violência e do fechamento, mas na responsabilidade, no respeito e no diálogo sincero”*.

O Jubileu da Misericórdia foi um convite a olhar para as profundezas do nosso coração e a deixar entrar nele a misericórdia de Deus. O ano jubilar fez-nos tomar consciência de como são numerosos e variados os indivíduos e os grupos sociais que são tratados com indiferença, que são vítimas de injustiça e sofrem violência. Fazem parte da nossa “família”, são nossos irmãos e irmãs. Por isso, as “políticas” de não violência devem começar dentro das paredes de casa para, depois, se difundir por toda a família humana.

Assim, na construção da paz, rezemos como intenção em janeiro: ***pela não violência em nossas famílias***.

Certos do compromisso orante de todos, com paterna solicitude, subscrevemo-nos com os votos de um Feliz Ano Novo na Graça de Nosso Senhor. Com a nossa bênção e orações, recomendando-nos às vossas.

Fraternalmente, em Cristo Jesus,

Pe. Gilberto Stanisce  
diretor espiritual